

O Conhecimento Histórico Escolar e a Construção das Narrativas sobre o Cangaço: Mossoró e o Discurso da Resistência

Francisco Valdiano Moisés de Andrade

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

valdiano.moises@gmail.com

O objetivo da presente pesquisa foi investigar o processo de construção das narrativas alusivas ao discurso de “Mossoró cidade da resistência”. Para tanto, buscou-se compreender quais as referências utilizadas por professores e alunos do ensino fundamental da rede pública na construção de uma narrativa histórica relativa à invasão de Mossoró/RN pelo bando de Lampião em 1927. O ideário proposto suscitou a necessidade de entender a história Cangaço de forma mais acentuada. Nesse sentido, portanto, obras especializadas foram analisadas. Entre elas, por ilustração: História do Cangaço de Maria Isaura de Queiroz. Além disso, foi elaborada uma ficha para análise dos livros didáticos de nível fundamental. Por último, foi realizado entrevistas com alguns alunos do nível fundamental. Quanto a análise dos livros, constata-se que, as obras especializadas discutem o Cangaço com mais rigor analítico em detrimento dos livros didáticos que se caracteriza por sua narrativa sintética. Mesmo assim, não há subsídios em ambos para a construção do discurso da resistência. As entrevistas por sua vez, revelam que a construção de uma narrativa histórica relativa ou discurso da resistência mossoroense ao bando de Lampião em 1927 é condicionada em grande medida pelos discursos construídos via informação de filmes, coerdes, pelas histórias contadas por “pessoas mais velhas” e fundamentalmente no discurso de resistência que é consubstanciado na apresentação teatral do chuva de balas. Portanto, essas fontes de natureza diversa são as mais indicadas para a construção do discurso de resistência de Mossoró ao bando de Lampião.

Palavras Chaves: Conhecimento; Cangaço; Discurso; Resistencia e Mossoró.

INTRODUÇÃO

A historiografia do cangaço tem sido bastante recorrente em nossos dias. A temática está presente nas obras especializadas. Como ilustração, as de Maria Isaura Pereira de Queiroz – História do Cangaço. Esta autora interpreta o fenômeno do cangaço como sendo uma resposta à miséria. No entanto, não o conceitua como um movimento social. Conforme ela mesma argumenta “na medida em que os termos “movimentos sociais” pressupõem consciência dos problemas vividos numa estrutura sócio-econômica e política injusta não é possível admitir que o cangaço se configure como um movimento social” (1997: 13). Frederico Pernambucano de Melo explica a razão de ser do cangaço, introduzindo na historiografia a teoria do Escudo Ético. Operando em contexto sócio cultural sertanejo, onde matar por vingança era moralmente legítimo;

[...] o bandido, numa interpretação absolutamente extensiva e nem por isso pouco eficaz, punha toda a sua vida de crimes a coberto de interpretações que lhe negassem um sentido ético essencial. A necessidade de justificar-se aos próprios olhos e aos terceiros levava o cangaceiro a assoalhar o seu desejo de vingança, a sua missão pretensamente ética, a verdadeira obrigação de fazer correr o sangue dos seus ofensores.

Desse modo, Frederico Pernambucano de Melo descortina a sagacidade dos bandoleiros que se apropriava de moral sertaneja para saquear, matar e pilhar.

A questão do banditismo também é consubstanciada nos manuais didáticos escolares. Em se tratando especificamente da temática em Mossoró, a questão do banditismo é pensada em torno de uma construção discursiva indenitária. Ou seja, existe uma construção histórica relativa à invasão de Mossoró/RN pelo bando de Lampião em

1927. Para tanto, a cidade promove diversos eventos festivos, como o Chuva de Balas, e construiu-se o Memorial da Resistência, que valoriza o dito acontecimento, contribuindo para a construção de uma identidade a partir de um discurso oficial de resistência.

Pensando o discurso da resistência como gerador de identidade e levando em consideração que essa construção discursiva remete a elementos externos, tendo em vista “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo”. (BAKHTIN: 1995:31), a presente pesquisa procura avaliar os possíveis elementos que dão suporte para tal construção discursiva.

O objetivo desse trabalho, portanto, é investigar o processo de construção das narrativas alusivas ao discurso de “Mossoró cidade da resistência”. Junto a isso, compreender como alunos e professores do ensino fundamental da rede pública constrói suas narrativas históricas relativa à invasão de Mossoró/RN pelo bando de Lampião em 1927.

MATERIAL E METÓDO

O material especializado na temática do cangaço, qual seja, História do Cangaço da autora Maria Isaura de Queiroz; Lampião, o rei dos cangaceiros de Billy Jaynes Chandler bem como os livros de didáticos do ensino fundamental da rede pública, quais sejam: Saber e fazer história- Gilberto Cotrim; História sociedade e cidadania - Alfredo Boulos Júnior; História em documentos- Joelma Ester Domingues e Projeto Araribá; história - José Roberto Martins entre outros foram, selecionados.

Posteriormente em reunião foi discutido o método para a avaliação do material selecionado. Para tanto, foi criada uma ficha catalográfica para cada livro. Passado à avaliação dos livros didáticos e as considerações alusivas às obras especializadas passou-se para a pesquisa de campo.

Para a pesquisa de campo, resolvemos trabalhar com entrevistas. As entrevistas foram realizadas com alunos do ensino fundamental da escola estadual Dr. Lavoisier Maia, sendo que, boa parte delas foi realizada com alunos do turno vespertino.

Sendo a pesquisa fundamentalmente historiográfica, a necessidade de definir os principais conceitos norteadores do trabalho passou a existir. Assim sendo, os conceitos de discurso, identidade memória e conhecimento histórico escolar foram estudados a luz de Autores como: MICHEL FOUCAULT (2002); CARRETERO (2007); FERREIRA (2009); RIOS (2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa indicou que o discurso construído e alusivo a “Mossoró cidade da resistência” esta relacionado a três elementos fundamentais. Primeiro, podemos discutir o que vem a ser o próprio conceito de discurso. Para tanto passamos a palavra a FOUCAULT (2002:93) que concebe o discurso como uma

[...] reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode, em fim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a proposito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, pode voltar à interioridade atenciosa da consciência de si.

Nessa perspectiva, o discurso produzido é o reflexo de convicções e, portanto subjetivo. Em uma perspectiva histórica não é prudente pontuar se o discurso da resistência produzido em Mossoró é legítimo ou não. Isso se levarmos em consideração

que “o exercício do historiador é compreender melhor, e não atingir a verdade.” (FERREIRA,2009). Nesse sentido, passamos a pontuar outro elemento que ajuda-nos entender a razão do discurso da resistência. Trata-se da memória.

No campo da história, a memória está intrinsecamente ligada à construção de identidades. Com isso, podemos pensar em uma memória que atua como elo unificador de ideologias, sejam elas, social, política ou religiosa. Nas palavras de FERREIRA (2009:85), “a memória é um elemento constitutivo do sentimento de identidade, na medida em que responde também pelos sentimentos de continuidade e de coerência”. Sendo a identidade produto de memórias, sejam lá quais for, pensemos agora acerca da identidade em si. De forma sintética, podemos assim dizer, que sua construção passa pelo binômio “nos” versus “outros” CARRETERO (2007:110). Assim sendo, é possível falar em uma ‘funcionalidade da memória’. Por esta razão, é pouco plausível pensar a memória em si mesma sem maiores implicações, do contrário, é razoável concebê-la como tendo uma funcionalidade.

Aplicando ao fenômeno do cangaço em Mossoró podemos constatar o binômio produzido pela identidade, nós versus outros, como diz Carretero, a partir da fala de uma de nossas entrevistadas quando diz: “Ele [Lampião] invadiu Mossoró e o povo botou ele pra correr”. É notório que o uso do pronome pessoal “Ele” e o uso do substantivo masculino “povo” indicam duas categorias de pessoas distintas. Em outras palavras, “Ele” [Lampião] e o “povo” [os mossoroenses].

Quando se pensa o caráter funcionalista da memória outra questão se sobrepõe. Conjeturando que a lembrança dos fatos históricos não é involuntária, em que consiste o caráter funcionalista da memória? Por que escolhemos lembrar e esquecer ao mesmo tempo? Partindo da premissa que “a memória não é neutra e é recuperada sempre em função das demandas do presente” (FERREIRA, 2009:87), podemos assim dizer que sua função pode estar relacionada a um jogo de poder, a manutenções de valores do passado que vivifica os interesses do presente. Essas considerações ajudam a entender o esforço do discurso oficial em perpetuar a “heroica resistência de Mossoró” ao bando de Lampião.

Consideremos agora o nosso terceiro conceito, a saber, o conhecimento histórico escolar. A dinâmica do cenário escolar é praticamente indizível! A uma sincronia constante de saberes quer perpassar pela relação aluno e professor e os demais sujeitos que compõe o espaço escolar. Nesse emaranhado de conhecimento aparecer às relações de poderes e as reproduções/construções de valores sejam eles voluntários ou não. Diante dessas peculiaridades, podemos falar em cultura escolar. RIOS (2009:346) é do pensamento de que

no cenário escolar, imbricam-se dimensões dos saber histórico provenientes de fontes sócias de naturezas diversa e, conseqüentemente, há múltiplos mediadores culturais que atravessam a constituição dos saberes históricos mobilizados pelos alunos.

O viés de interpretação de Rios acerca do cenário escolar e do saber histórico por ele produzido ajuda-nos a entender a razão de ser da presença de várias fontes sócias na fala dos alunos entrevistados. Nesse sentido, os múltiplos mediadores culturais estão para além dos livros didáticos, que por sua também enquadra-se nessa categoria. Os manuais didáticos são mediadores, em grande parte, do saber histórico escolar. Nesse sentido, voltamos nossa atenção para os tais na tentativa de entender suas supostas contribuições para a formação do discurso de resistência ao bando de Lampião. Depois de analisados notamos que o discurso presente nesses manuais não lida diretamente com o discurso da resistência oficial. Na verdade, esses manuais apresentam informações sintéticas acerca dos bandos errantes do nordeste brasileiro durante o século XIX e

começo do século XX. Em linhas gerais os sujeitos preponderantes dessas narrativas são o Cangaceiro, camponês, trabalhador de fazenda e pequeno proprietário, capataz, fazendeiro, bando, lampião, bandido social, coronel. Esses sujeitos aparecem como os personagens principais da sociedade rural do nordeste brasileiro do século XIX. Portanto, os manuais didáticos apresentam a temática do cangaço de um modo geral não se atendo a questões analíticas com tanta consistência. Isso é observado a partir da análise comparativas dessas manuais com os textos de Isaura, Billy e Pernambucano. Portanto, é pouco provável uma acentuada influência dessas manuais didáticos para a construção do discurso de resistência de Mossoró.

A construção de uma narrativa histórica relativa à invasão de Mossoró/RN pelo bando de Lampião em 1927 é condicionada em grande medida pelos discursos construídos via informação de filmes, coerdes, pelas histórias contadas por “pessoas mais velhas” e fundamentalmente no discurso de resistência que é consubstanciado na apresentação teatral do Chuva de Balas. Portanto, essas fontes sócias de natureza diversa são as mais indicadas para a construção do discurso de resistência de Mossoró ao bando de Lampião. Lariana, aluna do ensino fundamental, Correção de Fluxo, da escola estadual Dr. Lavoisier Maia, argumenta que obteve informação a cerca do Cangaço “assistindo filmes e procurando saber com as pessoas mais velhas do que eu”. Para Letícia, aluna da referida escola, 8º série, a internet e a literatura de cordel é sua fonte principal de informação acerca do cangaço.

O que mais chamou atenção na fala dos alunos entrevistados é suas concepções a cerca do episódio de 1927. É interessante notar como eles fazem referência ao ataque de Lampião a Mossoró. Vejamos o que diz alguns trechos de suas respectivas falas.

“Ele (lampião) invadiu Mossoró e Mossoró junto com os moradores expulsou ele”.

“Lampião foi expulso por Mossoró que foi a primeira a expulsar ele”

“Ele invadiu Mossoró e o povo botou ele pra correr”

“Quando Lampião chegou para tomar posse de Mossoró ele foi recebido a tiros pelos sargentos”

“a cidade resistiu os ataques de Lampião e seu bando”

“eu acho que Mossoró foi bastante resistente aos ataques de Lampião”

Finalmente não podemos deixar de mencionar a fala que, a nosso ver, melhor traduz e sintetiza as demais anteriormente citadas.

“Mossoró foi à única cidade que conseguiu acabar com o cangaço de lampião. Então é a cidade da resistência. Então é verdade que Mossoró é a cidade da resistência”.

CONCLUSÃO

A análise do processo de construção das narrativas alusivas ao discurso de “Mossoró cidade da resistência” orientou-se basicamente sob quatro conceitos. A saber, discurso, identidade, memória e conhecimento histórico escolar. Observou-se que a construção de uma narrativa histórica relativa à invasão de Mossoró/RN pelo bando de Lampião em 1927 é condicionada em grande medida pelos discursos construídos via informação de filmes, coerdes, pelas histórias contadas por “pessoas mais velhas” e

fundamentalmente no discurso de resistência que é consubstanciado na apresentação teatral do chuva de balas. Portanto, essas fontes sócias de natureza diversa são as mais indicadas para a construção do discurso de resistência de Mossoró ao bando de Lampião.

AGRADECIMENTOS

Somos gratos ao departamento de História da UERN. A professora Aryana Costa Lima pelo incentivo a pesquisa história e por sua preocupação em agregar os alunos do curso de História da UERN em projetos de iniciação científica. A UERN e ao CNPq pela oportunidade facultada aos graduandos na produção do conhecimento científico.